

## DISCURSO E HISTÓRIA: O SUJEITO ESTAÇÃO ANÁLISES

### META

Apresentar análise de enunciados especificando o trabalho teórico da Análise de discurso.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

tornar possível a compreensão do funcionamento analítico a partir da repetição no discurso;

demonstrar como a presença insistente, ou seja, a repetição pode significar uma ausência, significando no sujeito uma direção ou outra;

demonstrar como o deslizamento de sentido constitui o sujeito no confronto entre formações discursivas;

apresentar especificações básicas da análise: a língua, a linguagem, isto é, as representações sócio-históricas; as formações discursivas e o interdiscurso.

### PRÉ-REQUISITOS

Aulas anteriores.



*Marco Antônio: discurso fúnebre de César.* Marco Antônio pronunciou, nas escadarias do Senado, um contundente discurso que resgatou a imagem de César como bondoso para a população romana, logo após ter sido assassinado pela conspiração de Brutus e Cassius. Para a Análise do Discurso, o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo e, por isso, sua aparição precisa ser contextualizada como um acontecimento histórico.

(Fonte: [www.fflch.usp.br/dh/heros/traducciones/tucidides/cleonte.html](http://www.fflch.usp.br/dh/heros/traducciones/tucidides/cleonte.html))

## INTRODUÇÃO

Trazemos nessa aula, especificidades teóricas da concepção discursiva que aborda o sujeito constituído historicamente. Análises de diferentes enunciados nos levam a uma posição privilegiada para compreendermos o discurso a partir dos seguintes fatos da linguagem: repetição, ressonância e paráfrase.

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá,  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá.  
(Gonçalves Dias, *Canção do exílio*)

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos  
Minha boca procura a 'Canção do Exílio'.  
Como era mesmo a 'Canção do Exílio'?  
Eu tão esquecido de minha terra...  
Ai terra que tem palmeiras  
Onde canta o sabiá!  
(Carlos Drummond de Andrade, *Europa, França e Bahia*)

## REPETIÇÃO, RESSONÂNCIA E PARÁFRASE

Um exemplo

Como temos visto, nossa relação com a língua não é nada objetiva. Por exemplo, por que a expressão “linda e maravilhosa” tem circulado tão intensamente? Não espanta observar os resultados de uma breve pesquisa na Internet (aproximadamente 64.900 para “linda e maravilhosa” no Brasil ver bibliografia/arquivo/site <http://www.google.com.br>). Uma cozinha é “linda e maravilhosa”, uma televisão de tela plana é “linda e maravilhosa”, uma viagem foi “linda e maravilhosa” e, claro, as mulheres são “lindas e maravilhosas”.

O enunciado não respeita referências. Há algo descontrolando as relações de sentido. Um dia desses na saída do cabeleireiro um rapaz reclamou com a mulher: “Pô! Bem, qualquer coisa pra você é “linda e maravilhosa!”. O problema não é a situação dada, o namorado que se chateou com tanta repetição, “com a falta de vocabulário da moça”, a questão não é essa.

A questão é que o enunciado “linda e maravilhosa” é um impensado dando mostras da condição do sujeito, ou melhor, do assujeitamento do sujeito, inscrevendo-o em uma região de sentidos, em uma formação discursiva. Essa inscrição é sempre realizada em formas específicas, mas não linguisticamente pré-determinadas, as formas sógnicas deslizam entre formações discursivas.

Observando a insistência do “linda e maravilhosa”, vemos que a repetição aponta para a dimensão do quanto falamos o que os outros falam. Nesse caso, somos os outros também. Ou seja, um sujeito social e histórico constituído em condições materiais específicas de produção do discurso.

**A pesquisadora Silvana Serrani-Infante se dedica a questões discursivas no ensino de línguas. A categoria ressonância interdiscursiva, por ela introduzida, é um importante instrumento de trabalho para o analista. As seqüências linguístico-discursivas são estudadas a partir da atenção concentrada nos lugares em que fica marcado o percurso da repetição na linguagem; nessa direção, os estudos sobre meta-enunciação realizados por Jacqueline Authier-Revus em seu *Palavras Incertas* (1998) também são importantes.**

- a) Itens lexicais presentes no discurso como equivalentes ou sinônimos, ou ainda, construções linguísticas parafrásticas;
- b) Estratégias discursivas, recorrentes modos de dizer para a representação de referências no discurso, modos de dizer recorrentes no discurso.

Outros exemplos

### A AFIRMAÇÃO MARCANDO A AUSÊNCIA

Sobretudo entre jovens, em diferentes realizações lingüísticas, o discurso da seriedade se desdobra nas formas “É sério!” / “Sério?!” / “Ah! Fala sério!”. Do ponto de vista do analista do discurso, a questão não é discutir para saber se o jovem é sério ou não. O analista deve considerar o fato de que o sujeito é significado pelos sentidos da seriedade. É o discurso que se mostra pressionando, reclamando seu lugar. A seriedade (ou ausência de) reclama seu lugar. Nesse caso, sem pensar, o sujeito é significado pela seriedade.

O indivíduo não pensa por que fala tantas vezes a palavra “tipo”: “é tipo assim!”, “tipo isso”, “tipo aquilo”. Claro, não há nada de errado em dizer “tipo”, mas a presença insistente da palavra nos diz que de diferentes modos o sujeito é significado pelos sentidos de “classe”, “modelo” etc. Ele é significado como aquele que funciona através da exemplificação. A realidade é insistentemente entendida através da substituição, ou seja, são dominantes no sujeito as relações paradigmáticas e não sintagmáticas.

Esses sentidos marcam o sujeito como aquele que opera por tipificação. O sujeito é tomado pela repetição de processos de identificação constantes, insistentes, incessantes, remetendo sempre a uma exterioridade do fluxo lingüístico-discursivo. Nessa direção, vale à pena seguir a orientação de Foucault em seu *Arqueologia do Saber* (2004, p. 125).

“Se queremos descrever um enunciado é preciso levar em consideração “uma ausência, que, ao invés de ser interior, seria correlativa a esse campo e teria um papel de determinação de sua própria existência. Pode haver – e, sem dúvida, sempre há –, nas condições de emergência dos enunciados, exclusões, limites ou lacunas que delineiam seu referencial, validam uma única série de modalidades, cercam e englobam grupos de coexistência, impedem certas formas de utilização”. Estamos diante da questão das regularidades.

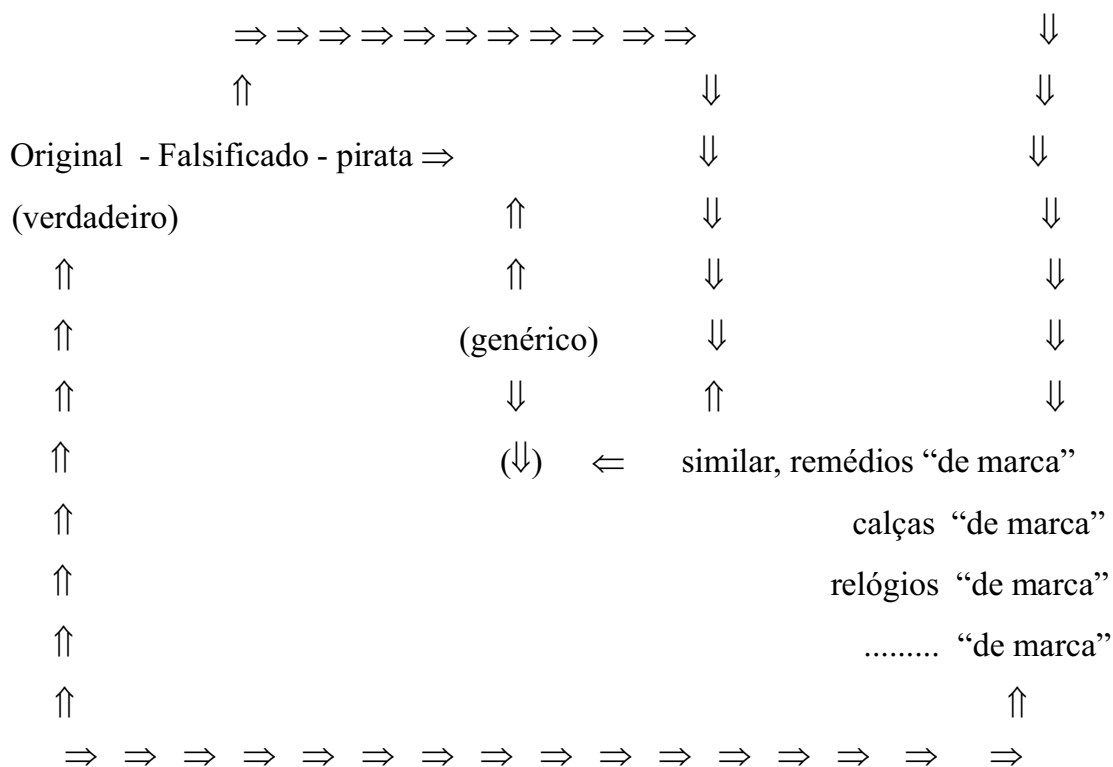
### POSIÇÃO DE SUJEITO E DESLIZAMENTO DE SENTIDO

Mais um exemplo

No texto de um jornalista o enunciado “produtos falsificados” pode ser retomado por “materiais piratas”. Por outro lado, no texto oral de um comerciante ilegal esses enunciados têm sua circulação impedida. Ninguém vai sair por aí gritando “olha o pirata! Produtos falsificados! Quem vai querer?! O texto dele recorta uma outra formação discursiva. O enunciado é “genéricos!”. Isto nos diz que a relação língua/sujeito é uma inscrição pré-construída na história. Analisando as predicções:

Produtos falsificados - os sentidos do “verdadeiro”, da posse primeira da marca, de sua origem, o sentido legal daquilo é patenteado.  
 Mercadorias piratas - os sentidos de roubo, assalto, crimes etc.  
 Medicamentos genéricos - sentidos da “não-marca”, legal.

Vemos que o deslizamento de sentidos dá visibilidade pela linguagem a diferentes formações discursivas, materialmente trabalhando na relação com a língua. Por outro lado, o deslizamento de sentidos dá visibilidade a específicas condições de produção: a intervenção estatal através do Ministério da Saúde no mercado remédios reconstituindo o sujeito, o “remédio de marca”, o “similar” e o “genérico”. Vejamos tais relações na figura abaixo.



### PRÉ-REQUISITOS DO ANALISTA

A preocupação central do teórico-analista do discurso é tornar visíveis as articulações materiais entre língua, linguagem e as formações ideológico-discursivas. Essas articulações é que inscrevem o sujeito historicamente e o constitui em uma contradição. Somos todos indivíduos livres para dizer o que queremos, mas ao mesmo tempo estamos submetidos à língua diretamente relacionada a posições sociais, à ideologia, à história. É por isso que o discurso e a história são inseparáveis. O sujeito do dis-

curso é efeito do assujeitamento à formação discursiva com a qual ele se identifica. Aquele que fala é resultado do assujeitamento porque ignora as causas que o determinam (PÊCHEUX, M. 1997, p. 314).

O trabalho do analista é estudar a representação do sujeito determinado por formações ideológicas específicas, e esta representação é da ordem do inconsciente, da ideologia fundamental que escapa ao domínio dos falantes, justamente porque são constituídos pela evidência do “eu-autônomo-consciente”. É preciso então abordar as bases lingüísticas para examinar *o caráter material do sentido*.

Nesse caso, importa perceber que “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade (...) seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva” (PÊCHEUX, M., 1997, p. 161). Em síntese, precisamos de um conjunto de noções básicas para colocar a análise em funcionamento.

**Pêcheux em seu *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*, trata desse pertencimento dos sentidos das palavras à formações discursivas no último capítulo da III Parte do livro - *Discursos e ideologia (s)*, p. 159-180; - o autor, como é de seu feitio, entrecruzando possibilidades, define a noção de forma-sujeito do discurso, em que a ideologia não possui um exterior.**

O discurso sob a mira da análise

Noções básicas

- a) A língua, ou seja, as palavras e seus significados nas relações com outras palavras, ou seja, o léxico, a sintaxe e as relações sintáticas.
- b) A linguagem, isto é, as representações sócio-históricas na língua ou pela língua.
- c) As Formações discursivas e o interdiscurso

O problema da alteridade

Último exemplo

“Unibanco: nem parece banco”: a constituição do sujeito pela descrição, ou seja, a predicação e o problema da alteridade: o outro sempre constitutivo do eu.

Como parte da discursividade, descrever o outro constitui o sujeito do discurso porque coloca em jogo os limites daquilo que pode e deve ser dito tendo em vista a posição do sujeito do discurso. Quando predicamos uma coisa, ou um estado de coisas (um processo eleitoral, por exemplo), a língua nos coloca na condições de falha. O enunciado “Unibanco: nem parece banco”, no esforço de predicar positivamente o sujeito, joga com os limites de sentidos (positivos e negativos) da semelhança. A descrição acaba por incluir na constituição do sujeito todo um conjunto de predicções negativas da instituição bancária: os juros altos, os baixos salários dos bancários, sua ganância por lucratividade, os péssimos serviços prestados etc. Ou seja, o fato de alguém falar a respeito de outro dá existência a um sujeito historicamente constituído. E essa existência vem em formas nas relações língua/discurso/história.

Outro exemplo

O sentido do bronzeado

Depois de sacramentada a vitória do presidente Barack Obama, um comentário do premiê italiano ganhou destaque na imprensa internacional. Ele disse:

“Ele é jovem, ele é bonito e ele é bronzeado”

<http://comunidademocambicana.blogspot.com>

“Berlusconi diz que Obama é ‘jovem, bonito e bronzeado’”

(Folha on line 06/11/2008 - 19h09 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u465010.shtml>)

A sintaxe: finalização por encaixe

Com a repercussão daquilo que enunciou Berlusconi, nessa manchete vemos que a descrição do recém eleito presidente americano tem uma fórmula semelhante a do *slogan* (REBOUL, O. 1986): a contenção, a síntese etc. Nessa fórmula, interessa mais especificamente a disposição das palavras na frase, ou seja, a sintaxe, sobretudo esse acabamento, essa finalização por encaixe: o “e bronzeado”.

Qual é o sentido desse “e bronzeado” que aparece por último na frase, na cadeia linguístico-discursiva? Ele traz o efeito daquilo que “não era para ser dito”, mas está ali adicionado. É preciso então estudar as condições para a realização do enunciado.

### A POSIÇÃO DO SUJEITO: O ESTADISTA QUE FALA O QUE NÃO FALA UM ESTADISTA

A posição construída do sujeito está na base das condições para a realização do enunciado. No caso em questão, a condição vem do fato de que “todos sabem que o premiê fala bobagem”. Por exemplo, a imprensa diz que “não se trata de uma piada de mau gosto, gafe, frase inoportuna ou brincadeira ...mas de uma política orquestrada pela extrema-direita”. Em resumo, o sujeito é construído na posição daquele que repentinamente “solta das suas”. É um estadista que fala o que não pode/deve falar um estadista.

Por conta disso, a mídia espera atenta “a próxima do Berlusconi!”. O momento em que ele extrapola está “sempre por vir”, a qualquer momento “ele diz”. Nesse caso, há sempre um efeito específico entre locutores, isto é, ele diz porque todos esperam/todos esperam porque ele diz. A finalização, ou seja, o “e bronzeado” é justamente esse efeito específico esperado. É o limite extrapolado próprio da posição do sujeito. É o momento do “chute no balde”, da “areia no ventilador”.

Berlusconi se irrita com jornalista que questiona ‘Obama bronzeado’  
JB on line 07/11/2008 <http://jbonline.terra.com.br/extra/2008/11/07/e071120925.html>

Observemos nessa outra manchete que na reescritura do enunciado, ou seja, no trabalho de textualização, a sintaxe é refeita, já que os adjetivos “jovem” e “bonito” são excluídos e também é apagado o conectivo “e” estabelecendo uma outra relação sintagmática que funciona por uma elipse contraditória. Quer dizer, há uma mudança, uma mexida nas posições dos nomes já que o “bronzeado” passa a ocupar um primeiro plano. Observando as duas realizações lado a lado, vemos que o movimento que recorta a predicação em “bronzeado”

A enunciação recorta sentidos “Berlusconi se irrita com o jornalista que questiona (o fato do premiê ter dito que o presidente) Obama (é) bronzeado”. Convenhamos, não é esquisito esse “questiona ‘Obama Bronzeado’”. Pois é, o que torna essa sintaxe possível é o discurso. É claro que aqui temos condições de produção tornado o enunciado possível. Trata-se de uma manchete e, por isso, nos deparamos com esses funcionamentos elípticos específicos. Mas mesmo assim, ou justamente por isso, eles nos mostram que o sujeito está inscrito em uma formação sócio-histórica dada em que pesam os sentidos da raça, da aparência, da cor! A questão não é a ambigüidade como disse certo deputado, único negro do parlamento italiano. É a metáfora da impossibilidade do negro ter chegado ao cargo de presidente



dos EUA. É o estabelecimento de uma fronteira sem o outro. O enunciado, ele próprio, é material de apagamento do outro, de determinação da inexistência do negro na presidência. Nesse ponto nos parece que os sentidos rompem os limites da nossa memória. Já não alcançamos a razão.

## OS LIMITES DOS SENTIDOS: NEGRO NÃO, BRONZEADO

Os sentidos de “bronzado” nos leva a pensar em limites. Bronzado é algo incerto, traz sentido de momentâneo, de ligeiramente “alguma coisa”. Por outro lado, o “bronzado” opera como “manobra estilística” (DUCROT, 1972). “Qual é o problema em ser bronzado”. Por exemplo, na operação primeiramente realiza-se algum elogio para em seguida, destruir sua reputação ou tirar seu prestígio etc.: “-Não tenho nada contra fulano, mas sua administração é uma desgraça”.

## ALGUMAS PRECAUÇÕES

Como vimos na aula 03, o que e como são as relações entre língua e linguagem nas práticas das ciências, incluindo aí as ciências da linguagem são questões fundamentais para as teorias do discurso. “E o motivo fica claro: língua e linguagem desfazem as distâncias entre o objeto e a teoria porque são parte das práticas das ciências. Isto é, para explicar a linguagem a ciência “usa” a língua e o sujeito funciona afetado pela linguagem, pelo interdiscurso. Mas essa é uma história que precisaremos em análise na próxima aula.

## CONCLUSÃO

Como vemos, não há um modelo de análise. Não existe uma previsão regulada do que vai acontecer no processo analítico. É sempre um diálogo entre as reflexões teóricas e a relação com o objeto para produzir a compreensão do processo histórico de constituição do sujeito. Os processos de análise não podem ser repetidos, mesmo porque os objetos, os fatos de linguagem que nos levam a dimensão discursiva demandam diferentes regiões teóricas de um mesmo *locus epistêmico*, de uma mesma área de produção do conhecimento. Essa não existência de um modelo analítico certamente provoca muita insegurança por parte do teórico-analista principiante. Isso porque os processos de escolarização e disciplinarização, pelos quais todos nós passamos, trabalham no sentido de que estejamos sempre em uma posição estável, em que já há uma direção a seguir (vide o clássico enunciado do ensino da língua portuguesa: ‘siga o modelo’).

Apesar de todas essas forças contrárias,



### RESUMO

Observemos que nessa aula percorremos diversas análises. Todas elas têm em comum o fato de trazerem especificidades da concepção da AD. Cada análise dos diferentes enunciados nos leva a uma posição relevante para compreendermos o discurso a partir dos seguintes fatos da linguagem. Vimos a repetição: analisando “linda e maravilhosa”, vimos que a repetição aponta para a dimensão do quanto falamos o que os outros falam. Nesse caso, somos os outros também. Ou seja, um sujeito histórico constituído em condições materiais específicas de produção do discurso. Vimos o deslizamento de sentidos: analisando as predicções “produtos falsificados”, (os sentidos do “verdadeiro” ligado ao da posse primeira da marca, de sua origem, o sentido legal daquilo é patenteado), “mercadorias piratas” (os sentidos de roubo, assalto, crimes etc) e “os genéricos” (sentidos da “não-marca”, legal), vimos que o deslizamento de sentidos dá visibilidade pela linguagem a diferentes formações discursivas, materialmente trabalhando na relação com a língua. Por outro lado, o deslizamento de sentidos dá visibilidade a específicas condições de produção: a intervenção estatal através do Ministério da Saúde no mercado de remédios reconstituindo o sujeito, o “remédio de marca”, o “similar” e o “genérico”.



### ATIVIDADES

Sugiro a releitura de todo o material procurando constatar a coerência entre as unidades. A primeira unidade onde vimos a entrada de certos excluídos saussurianos nos estudos da linguagem: o estruturalismo (aulas 1 e 2) e a pragmática (aulas 3, 4 e, no limiar, a 5). A segunda parte toca a dimensão do sujeito social, mas sobretudo histórica.

### REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- DUCROT, O. **Princípios de semântica lingüística**: dizer e não dizer. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas” (1983). In: GADET, F. et HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Edunicamp, 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997

FEBVRE, Lucien. Deux philosophies opportunistes de l'histoire: de Spengler à Toybee. In: **Combats pour l'histoire**. Paris: Armand Colin, 1953. p. 119-43. Trad. Bras. Maria Elisa Mascarenhas; vol. 2 org. Carlos Guilherme Mota. Coleção Grandes Cientistas Sociais, coord. Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1992.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Universitária, 2004.

Sites

<http://comunidadeemocambicana.blogspot.com/2008/11/obama-jovem-bonito-e-bronzeado.html>

SERRANI, S. M. **A Linguagem na pesquisa sócio-cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

[http://www.filologia.org.br/soletras/15/a\\_parafrase\\_no\\_comentario\\_jornalístico.pdf](http://www.filologia.org.br/soletras/15/a_parafrase_no_comentario_jornalístico.pdf)



---

## DISCURSO E TEXTO

### **META**

Apresentar relações entre discurso e texto.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
mostrar como um texto recorta diferentes regiões de sentido e constituem o sujeito afetado pelo interdiscurso em diferentes formações discursivas.

### **PRÉ-REQUISITOS**

As aulas anteriores e noções elementares sobre texto.



(Fonte: <http://osaprendizes.files.wordpress.com/2008/05/escrita22.jpg>)

### INTRODUÇÃO

É preciso considerar que um texto não é definido por sua extensão, mas por seu caráter significante. Por exemplo, o nome “Aracaju” no mapa do estado de Sergipe é uma unidade de sentido que recorta relações específicas com as demais unidades daquele *contexto*: remete nossa memória a demarcações geográficas, políticas, históricas. A mesma unidade “Aracaju”, estampada em uma camiseta, recorta outras memórias pela própria inscrição em outras relações: turísticas, por exemplo. O princípio básico que nos coloca diante da noção de texto é o fato de que ele é uma unidade que produz efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 2000, p. 68-73).

Mas é preciso considerar a existência do *efeito texto* produzido por regularidades de organização e encadeamento mais longo entre partes: a frase, o período, o parágrafo, as seções, os capítulos etc., estabelecendo “um sentido configuracional e a determinação de um propósito argumentativo” (DAD, 467). Quando lemos, estamos sob o efeito dessas regularidades. Estamos em busca do que o autor quer, não é mesmo?! Por isso, pragmaticamente, sempre nos perguntamos “o que o autor quis dizer?”. Mas, para a AD, é preciso considerar não apenas a dimensão pragmática das intenções reconhecíveis. É preciso compreender o interdiscurso, ou seja, a “razão de ser” daquelas seqüências lingüístico-discursivas que constituem o sujeito.



Mapa de Sergipe, destacando Aracaju  
(Fonte: [www.telefone.inf.br](http://www.telefone.inf.br))



Aracaju  
(Fonte: [www.drikabio.com/wp-content/uploads/2008/01/564px-monumento\\_aracaju.jpg](http://www.drikabio.com/wp-content/uploads/2008/01/564px-monumento_aracaju.jpg))

## DISCURSO E TEXTO: ARTICULAÇÃO ENTRE PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO

Para estudarmos um texto do ponto de vista discursivo é preciso:

- a) Voltarmos nossa atenção não apenas para o estudo das relações entre dados lingüísticos, mas para o fato de que o texto sempre reinscreve a relação língua/história;
- b) O interesse pelo discurso deve ser concentrado na articulação entre os diferentes processos de significação que acontecem no e pelo texto significando o sujeito em práticas. Esses processos, para além da situação de comunicação, inscrevem o sujeito na complexa rede de formações discursivas. E isso implica considerarmos diferenças.

Por exemplo, o suporte é oral, é escrito (manuscrito, livro etc)? O texto é acadêmico, é religioso, sindical, ou é jornalístico etc!? Os textos trazem regularidades específicas dessas instituições. Por exemplo, certos textos acadêmicos trazem apresentação, resumo, sumário, introdução, citações centralizadas, notas de rodapé etc. Um manifesto sindicalista traz outras regularidades.

Todas essas especificidades, entre outras, precisam ser consideradas. É por isso que o estudioso do discurso precisa analisar formas materiais.

Um exemplo

Para estudar o texto abaixo, importa considerar o fato de tratar-se de um produto jornalístico trazendo regularidades próprias das textualizações jornalísticas. Basta pensar sobre as regularidades no texto tendo em vista as técnicas de composição de uma manchete, ou o fato de o texto vir situado (categorizado) no “caderno cotidiano”. Ou ainda, o princípio discursivo de certos textos jornalístico “ouvirem os dois lados”, as partes envolvidas no fato, e trazer essas vozes entre aspas etc. Essas práticas estão materialmente em jogo.

Vejamos o texto “publicado no jornal Folha de São Paulo em agosto do ano passado. O caro aluno pode ler primeiro o texto/objeto e em seguida os comentários que faço a respeito. Destaque para três formações discursivas.

### O DISCURSO DO NAMORO E DO POPULAR

Do 1º parágrafo, interessam os processos de significação que filiam o sujeito à formação discursiva do popular: “sacola de supermercado”, “lanche da tarde”, “copeira”, “servente”; os nomes próprios: Maria, Santos etc. que filiam o sujeito do consumo a determinadas regiões de sentido, formações discursivas estabelecendo fronteiras discursivas. Mas nos parece, caro aluno, que essa dimensão é mais ou menos controlada pelo autor, as predicções do sujeito do consumo estão por toda parte no texto (faça um quadro de predicções).

O discurso do namoro vem especificado na relação entre casais pelo enunciado “de mãos dadas com ela” (1º parágrafo). A textualização em seu fator fundamental, a anáfora (DAD, 36) faz os sentidos deslizarem pela relação entre indivíduos no 2º parágrafo, onde os sentidos do namoro reaparecem com “o casal não teve resposta” e vai ao 4º parágrafo com “o casal Derly e Maria tomou...”.

Mas desse processo de significação, ou seja, da relação entre indivíduos, os sentidos são reescriturados, já no 3º parágrafo, em outra dimensão. A palavra “namoro” ressignifica os parágrafos anteriores. O namoro reaparece significando relações entre classes sociais e o shopping: “o namoro das classes D e E... com o Cidade Jardim”. Para o estudioso da relação texto/discurso essa mudança de dimensão é decisiva.

A questão é que uma vez nessa dimensão, o discurso do namoro opera em processos de significação que constituem fronteiras no sujeito. O discurso do namoro significa no sujeito os sentidos daquele que “quer conquistar”, quer expandir sua fronteira.

Nessa direção, no 6º parágrafo, com o enunciado “X atçou a curiosidade de Y” vêm os sentidos de excitação, estímulo, desejo de alcançar, de conquistar no sentido mesmo do domínio do outro. Lembrando que “atçou” significa também um efeito de sentido do inesperado, do impensado, significa “ter que arcar com as conseqüências”. O fato é a reescrituração de significações restritivas, ou seja, significações que estabelecem limites no sujeito.

Digamos que esse processo que está no quadro de predicções do sujeito do consumo, até certo ponto vem pela dimensão pragmática das intenções reconhecíveis, quer dizer, o autor Vinícius Queiroz Galvão tem o propósito argumentativo de apresentar as diferenças no sujeito do consumo. Mas a análise precisa mirar na direção do interdiscurso que afeta o sujeito enunciativo a revelia de suas vontades conscientes. O estabelecimento de fronteiras discursivas no sujeito, filiado a diferentes formações discursivas, é o fundamento do texto.

O deslocamento de sentidos do namoro entre indivíduos para o “namoro social” significa no sujeito a conquista, a posse, o domínio. Como é



possível verificar, esse deslocamento se dá através de repetições e ressonâncias discursivas (Serrani, 1993; Authier-Revus, 1998).

(ver Box: A pesquisadora Silvana Serrani-Infante se dedica a questões discursivas no ensino de línguas. A categoria ressonância interdiscursiva, por ela introduzida, é um importante instrumento de trabalho para o analista. As seqüências linguístico-discursivas são estudadas a partir da atenção concentrada nos lugares em que fica marcado o percurso da repetição na linguagem; nessa direção, os estudos sobre meta-enunciação realizados por Jacqueline Authier-Revus em seu *Palavras Incertas* (1998) também são importantes)

- a) Itens lexicais presentes no discurso como equivalentes ou sinônimos, ou ainda, construções lingüísticas parafrásticas;
- b) Estratégias discursivas, recorrentes modos de dizer para a representação de referências no discurso, modos de dizer recorrentes no discurso.

## O DISCURSO DO (DES) CONHECIMENTO

No texto em estudo, o discurso do (des) conhecimento atravessa a textualidade inscrevendo o sujeito em uma formação discursiva que o limita: o sujeito “pergunta”, “intriga-se” (1º parágrafo), “não tem resposta” (2º parágrafo), “sem entender muito bem” (6º parágrafo), “só para conhecer” (7º parágrafo, nesse caso os sentidos deslizam para um sujeito do consumo, não-consumidor: “para passear pela primeira vez” no 2º parágrafo, e “olhos na vitrine” 1º parágrafo). Vejam que nesses dois últimos os sentidos do conhecimento aparecem na verdade como reconhecimento do território do outro, ou do outro como estando no território do eu. São sentidos que ressoam à textualidade.

Diferentes modos de dizer constituem o sujeito no desconhecimento. O conhecimento o identifica, o desconhecimento o exclui. Nesse interdiscurso, o discurso da língua é histórico. Saber ou não os nomes estrangeiros das lojas constitui o sujeito, significa o sujeito nessa divisão entre os que sabem e os que não sabem a (s) língua(s). Nesse sentido, o estrangeiro, ou seja, o estranho é mesmo o casal, as classes D e E. Saber “a língua do outro” esses sentidos que têm uma longa história constituem uma fronteira no sujeito, uma formação discursiva pela fórmula disjuntiva: conhecimento/ não-conhecimento (Pêcheux, 1997). Saber ou não saber eis o interdiscurso.

### O DISCURSO EXPLICATIVO (O COMO E O PORQUÊ DO OUTRO)

Também nessa direção que divide o sujeito vêm os parágrafos 3º e 4º significando um “monitoramento detalhado/explicativo do sujeito”. Os parágrafos explicam como os indivíduos das classes D e E chegaram até o shopping. O que temos nesses parágrafos é um passo a passo na “transposição da fronteira” para chegar ao shopping Cidade Jardim, fronteira entre o eu e o outro. Os parágrafos explicam como aquelas pessoas chegaram até ali. De modo que o sujeito do consumo é constituído como afetado pelos “percalços de uma saga”, como aquele que enfrenta dificuldades de uma origem impen-sada: “começou com a criação de um ponto de ônibus” (3º parágrafo), a origem é um erro: “foi um tiro no pé” (8º parágrafo) e, diante de tantas dificuldades, o desfecho vem com um prêmio: chegar a “um dos empreendimentos mais comentados dos últimos tempos em São Paulo” (4º parágrafo).

Esses processos de significação são fundamentais, por isso precisamos detalhá-los. Observemos que há uma contradição, uma falha própria da ordem discursiva (as relações contraditórias entre espaços públicos e privados, entre as posições do sujeito trabalhador/ consumidor). A ruptura é exposta na materialidade da linguagem: um ponto de ônibus “para atender funcionários”, não consumidores. Note-se que os dêiticos operam de modo bastante particular essa divisão entre o espaço público e o espaço privado limitados pelos “param por ali” (3º parágrafo)/ e “descer por lá” (4º parágrafo).

Note-se que tendo em vista esse ali/lá, todos os enunciados do texto significam um “aqui” e, nisso, é importante observar que uma posição construída para aquele que está falando no texto, situa o sujeito enunciativo no espaço privado (o jornalista teria feito a matéria no Shopping?!). Temos aí uma divisão contraditória do sujeito afetando o indivíduo: de um lado o funcionário, de outro o consumidor.

Em fim, qual é a “razão de ser” desses sentidos? Por que contar essa história do como os indivíduos chegaram ao shopping? Por que a textualidade abre espaço para esses sentidos que vão da origem à conclusão? Eles são explicativos. Vide o último enunciado. “E assim [as classes D e E] chegaram a um dos empreendimentos...”.

Sem entrada de pedestres, shopping para classe A vira atração para classe D

## VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO

1

Com uma sacola de supermercado que trazia o lanche da tarde na mão e os olhos na vitrine da joalheria Tiffany & Co, a copeira Maria Barbosa pergunta: “Essa loja é de quê?” De mãos dadas com ela, o servente Derly Santos também se intriga, desta vez com a bombonière Chocolat du Jour. “Como se pronuncia o nome dessa loja?”

2

O casal não teve resposta, mas isso pouco importa. Eles estavam lá, num sábado de folga, para passear pela primeira vez entre as lojas do shopping Cidade Jardim. Projetado sem praça de alimentação e sem entrada de pedestres para se restringir ao público A, o complexo de R\$ 1,5 bilhão virou atração para a baixa renda.

3

O namoro das classes D e E, pessoas com renda familiar média de R\$ 580, com o Cidade Jardim começou com a criação de um ponto de ônibus na marginal, em frente ao shopping, para atender os funcionários. Linhas como Jardim Ângela e Terminal Santo Amaro param por ali.

4

Foi uma dessas que o casal Derly e Maria tomou para descer por lá. Como não podiam atravessar a marginal do rio Pinheiros, tiveram de fazer uma baldeação na avenida 9 de Julho pagando só uma passagem com um bilhete único. E assim chegaram a um dos empreendimentos mais comentados dos últimos tempos em São Paulo.

5

Aquele que se anuncia “o mais luxuoso do país”, o Cidade Jardim tem lojas de grifes como Chanel, Armani e Rolex, algumas inéditas.

6

E foi justamente essa exclusividade e sofisticação que atiçou a curiosidade das pessoas que não são o público-alvo do shopping, por assim dizer, e passeiam por ali sem entender muito bem os preços altos de Hermès e Louis Vuitton. Ou ainda a sinalização bilíngüe, em inglês.

7

“Só tem loja estrangeira, queria que tivesse uma Marisa. A gente que é da periferia vem só para conhecer. No shopping Ibirapuera não discriminam tanto quanto aqui”, diz Maria. “Pela maneira que me olham já percebo que é diferente”, afirma Derly.

8

“Foi um tiro no pé”, reclama a designer e socialite Andréia Albuquerque Magalhães sobre a diversidade do público do shopping, o que tem deixado ela e as amigas danadas da vida.

9

“Olha a Daslu, está toda revirada, parece uma dessas lojas mais populares. Na Vila Nova Conceição não era assim”, diz a produtora Patrícia Aguiar sobre a boutique multimarca -âncora do shopping.

10

“Nossa intenção sempre foi fazer um shopping bacana para cidade. Fico feliz mesmo de ver todo tipo de gente. Acho o máximo”, afirma Sharon Beting, diretora do shopping. “Isto é inédito”, é o slogan do Cidade Jardim.

Texto publicado no jornal Folha de São Paulo, caderno Cotidiano, em 03/08/2008; disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0308200824.htm>

Com perspectivas teóricas distintas das que vimos, muitos trabalhos são dedicados a questões sociais, os preconceitos, as injustiças etc, vejamos.

### LINGUAGEM E QUESTÕES SOCIAIS

A Análise Crítica do Discurso (ACD) tem uma linha de filiação histórica com a chamada lingüística crítica do final dos anos de 1970 para quem as “as relações sociais influenciam o comportamento lingüístico e não-lingüístico dos sujeitos, incluindo a sua atividade cognitiva” (GOUVEIA, C. A. M. s/d).

Para a ACD “a sintaxe, por exemplo, pode codificar uma visão do mundo particular, sem qualquer escolha consciente por parte dos falantes; ao mesmo tempo, sendo derivada da relação que os falantes têm com

as instituições e a estrutura sócio-económica das sociedades de que fazem parte, tal visão é-lhes disponibilizada e confirmada pelo cunho ideológico dessas mesmas sociedades (Fowler & Kress, 1979: 185).”

Nesse caso, a ACD traz para o centro de seus interesses os significados sócio- ideológicos e as suas realizações textuais e a linguagem é mecanismo de reprodução e auto-regulação social.

Dentre os trabalhos da década de 1990 temos estudos voltados para as formas de poder entre as culturas, os sexos, as raças, as classes sociais Van Dijk, 1993; Wodak, 1996, 1997; anti-semitismo Sarfati, 1999.

## CONCLUSÃO

Estudar discursivamente um texto requer uma análise das relações entre diferentes regiões de sentido. É preciso verificar como, para além dos propósitos argumentativos do autor do texto, sentidos vão constituindo o sujeito a partir das práticas sócio-históricas. O texto em questão significa uma divisão do sujeito do consumo. Os processos discursivos funcionam significando o sujeito social em diferenças, em práticas sócio-históricas. Temos o shopping, a classe A e as classes D e E significados de modos distintos e específicos. Como vemos, os processos de significação trazem e constituem diferenças conflituosas históricas: os antagonismos entre classes sócio-financeiras, ou seja, os processos de significação que nas relações língua(gem) e discurso constituem o sujeito em “tipificações de classes de consumo”. É uma formação discursiva mais ampla, universal: estamos diante do interdiscurso.

## RESUMO

Vimos que para a AD, quando lemos, além dos propósitos argumentativos do autor de um texto, estamos expostos a efeitos de sentido próprios das regularidades do texto. Um e-mail não tem as mesmas regularidades de um editorial jornalístico. Vimos que o texto sempre reinscreve a relação língua/história afetando o sujeito a partir de diferentes processos de significação articulados à complexa rede de formações discursivas. No texto estudado, vimos como diferentes regiões de sentido (o namoro, o popular, o conhecimento e a explicação) estão articulados na constituição do sujeito. Vimos que textualmente, essa articulação se dá entre pontos de diferentes dimensões (por exemplo, do namoro entre indivíduos os sentidos deslizam para o namoro com o shopping; ou do tempo presente dos dois primeiros parágrafos os sentidos deslizam para um passado) E para que tais articulações ocorram, as repetições e ressonâncias são fundamentais.





### ATIVIDADES

Como é possível verificar, o estudo que fizemos do texto não é conclusivo. Há regiões de sentido pouco exploradas, por exemplo, os últimos três parágrafos. Procure avançar nas análises tendo em vista o que fizemos.

### REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB Editora, 2001.
- GOUVEIA, C. A. M.. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico. In: Disponível em: <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/HCC.pdf>>
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, Pontes, 2000.
- REBOUL, O. **O slogan**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1986.
- SERRANI, S. M. **A Linguagem na pesquisa sócio-cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- SILVA, D. E. G. Motivações cognitivas e interacionais em competição: a força das palavras em contexto.
- VAN DIJK, T.A. O poder da mídia jornalística. **Palavra** 4:167-187, 1997.
- Sites
- [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502005000300007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502005000300007&script=sci_arttext&tlng=pt).
- <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0308200824.htm>